

Trabajo N°: 3461

*3-Educación y enseñanza de la geografía*

Presentador: **Eulina Pacheco Lutfi**  
 Primer Autor: **Eulina Pacheco Lutfi (Brazil)**  
 Inscripto:

**eplutfi@uol.com.br**

**GEOGRAFIA NO ESTUDO DO MEIO. MÉTODO INTERDISCIPLINAR DE  
 CIÊNCIAS HUMANAS: A ENTREVISTA**

*3-Educación y enseñanza de la geografía*

Pacheco Lutfi, Eulina<sup>1(\*)</sup>; Padovezi Borges, Maria Inês<sup>2</sup>

*1 - Laboratório de Pesquisa em Ensino e Ciências Humanas | (\*) Brazil 2 - LAPECH – FEUSP*

**Estudo do Meio e a entrevista**

Os cursos de formação inicial ou continuada de professores podem se constituir como processos de pesquisa e um dos métodos eficazes a ser utilizado é o Estudo do Meio.

O Estudo do Meio, método interdisciplinar, possibilita conhecer relações entre os habitantes e passantes de um lugar definido e entre eles e os processos naturais e sociais desse espaço em que vivem, além de favorecer o conhecimento mais amplo entre o local e o universal, em suas temporalidades historicamente consideradas.

Como método de pesquisa, o Estudo do Meio, elabora interrogações e hipóteses oriundas da realidade vivida no espaço a ser estudado, tendo em conta, nesse local, os recursos, carências, urgências, desejos, disponibilidades, encaminhamentos e possíveis soluções.

O Estudo do Meio realiza-se em três momentos fundamentais:

- 1) Preparação para o trabalho de campo, através de estudos teóricos de diferentes ciências e artes; atividades práticas decorrentes desses estudos; visita preliminar ao local a ser realizado para se selecionar o objeto de estudo; confecção do caderno de campo.
- 2) Pesquisa *in loco* para observação, entrevista e registros sob diversas formas.
- 3) Organização do material coletado; análise das entrevistas; elaboração de trabalhos escritos, desenhados, dramatizados, fotografados ou filmados a partir dos estudos interdisciplinares iniciados no primeiro momento e que se ampliam com os dados coligidos.

A entrevista no Estudo do Meio é utilizada porque:

- a) Considera-se o saber do outro, como forma de atualização de conhecimentos e possibilidade de criação de novos conhecimentos;
- b) Contribui para a compreensão de sua importância como método em Ciências Humanas;

- c) Na análise de entrevistas concretiza-se a necessidade da interdisciplinaridade como método em Ciências Humanas;
- d) Depoimentos podem constituir fontes históricas importantes;
- e) As falas são importantes documentos como registro do linguajar regional e local em seus diferentes aspectos, considerando-se idade, situação social e econômica, profissão etc. de entrevistados;
- f) As falas são documentos para estudo das relações entre oralidade e escrita;
- g) É um dos elementos fundamentais no estudo das representações sociais.

Na análise de entrevistas nos detemos sobre:

- a) As informações que o entrevistado possui sobre a história local;
- b) As informações que possui sobre as relações entre esse local e a vida presente dos habitantes;
- c) As contribuições que esse local tem possibilitado para o aprofundamento do saber do entrevistado;
- d) As relações entre o local e o universal;
- e) Os registros das expressões orais do entrevistado;
- f) Os elementos da linguagem do entrevistado que demonstrem com maior clareza suas representações sociais (a consciência de seu lugar no mundo, seus sonhos, a noção de seu EU histórico-coletivo).

### **Método de pesquisa em ciências humanas**

Tomamos como ponto de partida o teórico Bakhtin para quem, nas ciências humanas, o locutor e sua palavra são fundamentais para o conhecimento, ou seja, o problema específico das ciências humanas é a transmissão da palavra do *outro*.

Entendemos que para esse filósofo da linguagem, a palavra do outro (escrita, falada ou silenciada) faz dele, assim como o pesquisador, também sujeito-autor.

*“A palavra existe para o locutor sob três aspectos: enquanto palavra neutra da língua que não pertence a ninguém, enquanto palavra de outrem pertencente aos outros e plena do eco dos enunciados dos outros, e, finalmente, palavra sua, pois, na medida em que lida com essa palavra, numa situação dada, com uma intenção discursiva, ela já está penetrada por sua expressão.”* (AMORIM. 2001. P.134)

Bakhtin considera que

“o trabalho de pesquisa, em ciências humanas, contém três fases:

- 1) Reconstituição do contexto enunciativo e dialógico em que se produziu o texto;<sup>1</sup>
- 2) Formulação de leis explicativas do texto;
- 3) Interpretação do sentido do texto.” (Idem.p.189)

A interpretação e a construção do sentido acontecem na relação entre sujeitos em situação dialógica.

---

<sup>1</sup> - Texto compreendido em sua acepção ampla, isto é, conjunto coerente de signos ou matéria significante. Entendo aqui texto-palavra ou outro tipo de texto, de conjunto de significados.

*“A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com olhos, lábios, mãos, alma, espírito, todo o corpo.”* (BAKHTIN. 2003. P. 348).

Para a amplitude do sentido é preciso considerá-lo não só na pequena temporalidade histórica, isto é, na contemporaneidade, no passado imediato e no futuro previsível, mas também na grande temporalidade histórica, *diálogo infinito e inacabável onde nenhum sentido se esgota.* (AMORIM. p.193). É específico em ciências humanas ocupar-se da explicação e interpretação; do sentido e conceito; do reprodutível e irreprodutível; do dialógico e lógico. Daí o caráter caleidoscópico das ciências humanas a que se refere AMORIM, pois o objeto de estudo não se desvenda à primeira vista, está sempre em processo de construção. (Idem. p.207)

Podemos entender que o método em ciências humanas pressupõe o percurso do sentido, trabalho delicado de bordado que se vai fazendo, no encontro com o outro, com saberes desse outro com quem dialogamos por escrito ou oralmente para que novo saber seja criado; saber que é ao mesmo tempo do pesquisador e desse outro. Percurso inconcluso, em que se delineiam etapas de vida, sem se ter o desenho final.

### **O tema moradia no Estudo do Meio**

Como foi escrito acima, é o homem, em seu diálogo com a vida, no simpósio universal e histórico de todos os seres humanos, o objeto fundamental das ciências humanas. Assim, no Estudo do Meio, procuramos detectar o que emerge com maior força, quando interagimos com o homem que habita o espaço a ser estudado. Do que emerge, extraímos o tema que inicialmente orientará a pesquisa. Outros temas surgirão no decorrer do processo e poderão se integrar ao primeiro ou indicar outros assuntos e outros percursos, porque as investigações iniciais não mostram a realidade inteira vivida ali.

Na região do Brasil, Estado de São Paulo, denominada Grande São Paulo, parte da população vem enfrentando há anos os problemas decorrentes da falta de moradia. Tais problemas são algumas das conseqüências do modo pelo qual vem ocorrendo a urbanização que tem, na especulação imobiliária, um poderoso fator de lucro.

Em um curso de formação para professores, em 2008, no município de Guarulhos, nessa região, a carência de moradia; as precárias soluções encontradas pelos que dela necessitam e os dilemas e sofrimentos a ela relacionados determinaram a escolha de MORADIA como eixo para o Estudo do Meio. Os bairros em que o estudo foi realizado foram: Jardim City e Lavras.

Como procedimento pedagógico na preparação para entrevista, escolheu-se a expressão artística do problema, através de duas composições musicais de um autor importante nos meios populares da cidade, Adoniran Barbosa. O estudo dessas composições foi precedido por uma entrevista que esse autor deu a um programa de Televisão. Da comparação entre o depoimento do artista e seus poemas-música tratamos das formas como é vivido e contado o problema da moradia, bem como das representações que nascem desse vivido.

## Letras das músicas:

### Saudosa Maloca

Se o senhor não tá lembrado, dá licença  
de contar  
Ali onde agora está este edifício arto  
era uma casa véia,  
um palacete assobradado.  
Foi aqui seu moço, que eu,  
Mato Grosso e o Joca  
construimo nossa maloca.  
Mais um dia, nós nem pode se alembrá,  
veio os home  
com as ferramenta  
que o dono mando derruba.

Peguemos todas nossas coisas e fumos  
pro meio da rua  
apreciá a demolição.  
Que tristeza que nós sentia,  
cada táuba que caía  
doía no coração.  
Matogrosso quis gritar,  
mas em cima eu falei:  
os home tá co'a razão,  
nóis arranja outro lugar.  
Só se conformemo,  
quando o Joca falou:  
Deus dá o frio conforme o cobertor.  
E hoje nós pega paia  
na grama do jardim  
e pra esquecer nós cantemos assim:

Saudosa maloca, maloca querida,  
dim dim donde nós passemos  
os dias feliz da nossa vida.

### Abrigo de Vagabundos

Eu arranjei o meu dinheiro,  
trabalhando o ano inteiro,  
numa cerâmica,  
fabricando potes.  
e lá no alto da Mooca,  
eu comprei um lindo lote  
dez de frente e dez de fundos,  
construí minha maloca.  
Me disseram que sem planta  
não se pode construir  
mas quem trabalha  
tudo pode conseguir.  
João Saracura  
que é fiscal da Prefeitura  
foi um grande amigo,  
arranjou tudo pra mim.  
Por onde andará  
Joca e Matogrosso,  
Aqueles dois amigos  
Que não quis me acompanhar?  
Andarão jogados  
na avenida São João  
Ou vendo o sol quadrado na  
detenção.

Minha maloca,  
a mais linda que eu já vi,  
hoje está legalizada  
ninguém pode demolir.  
Minha maloca,  
a mais linda deste mundo,  
ofereço aos vagabundos  
que não têm onde dormir.

## O compositor

Observador, narrador e sua crítica social

O compositor é um cronista de São Paulo e, indiretamente, de outras grandes cidades. Retrata a vida urbana; a convivência, conflitos, encontros/desencontros e a luta do trabalhador pela sobrevivência.

No início da carreira, sofreu preconceitos: suas composições foram julgadas ingênuas, superficiais e sua linguagem, um desrespeito à norma padrão da Língua Portuguesa (devido ao uso de termos como *tauba*, *veia*, *peguemu*). O reconhecimento de sua arte ocorreu, quando estava com mais de 60 anos de idade e teve suas músicas gravadas por duas cantoras muito conceituadas, Gal Costa e Elis Regina. Adoniran foi valorizado também por Antônio Cândido, respeitado crítico literário, professor de Teoria Literária na Universidade de São Paulo que escreveu a contracapa de um disco do artista. Esse texto foi um marco importante na vida do compositor. Além disso, sua composição *Trem das Onze* foi escolhida como a música que melhor representa a cidade de São Paulo, em concurso realizado pela TV Globo - SP.

### **A composição *Saudosa Maloca***

A música, de 1950, trata da ocupação de um imóvel abandonado da cidade e desocupação forçada, imposta pelo mercado imobiliário.

A narrativa é em 1ª pessoa, isto é, com o ponto de vista do narrador/personagem, o desabrigado. A realidade aí descrita atesta as freqüentes demolições de palacetes e casarões, ocorridas nas décadas de 1950 e 60, para dar lugar à cidade industrial que crescia. Essas construções faziam parte da memória da cidade.

Famílias inteiras ou jovens vinham tentar a vida na cidade do progresso, do capital, do trabalho de muitos e do lucro de poucos, da marginalidade (vagabundagem?) dos que não entravam nas engrenagens da máquina da produção.

O que nos é explicitado sobre a história da ocupação do solo paulista? Para onde foram expulsos os índios? Em nome de quem e de quê? O que ganharam as construtoras que aterraram as margens dos rios e mudaram os destinos de seus antigos habitantes? Quem eram, em 1950, *os home* que mandaram derrubar a maloca? Quem havia feito a lei que os autorizava? Quem teria tido a posse daquela terra no processo histórico da cidade? E com quais direitos?

*Saudosa Maloca* é um diálogo entre o narrador, seus amigos e os leitores-ouvintes, para que não fique esquecida aquela dor de perder sua casa. Uma dor lenta reafirmada a *cada tauba que caía* e que vinha da destruição não apenas da maloca, mas do sonho de ter o direito a um lugar, a sua moradia. O verbo *construir* nos alerta para o saber dos personagens participantes do diálogo. Possuíam habilidades e a energia que requer o trabalho pesado e minucioso da construção. Juntos a fizeram. Juntos moraram. Nos três *doía* a demolição de tudo. E *doía no coração*. Doía em corpo e espírito. *Gritar?* Não adiantava.

*Saudosa Maloca* é um lamento resignado; uma resignação forçada, como aquela do povo que tem consciência de sua impotência para contestar o poder e cai no conformismo em relação à justiça divina e à dos homens, *os homes ta co'a razão...Deus dá o frio conforme o cobertor*. Só lhes resta dormir para esquecer e morar ao relento por isso *hoje nós pega paia nas grama do jardim* (pegar uma palha, dormir) e ainda contar para lembrar. Contar e cantar *pra esquece nós cantemo* os tempos da felicidade em que

tinham um espaço deles na cidade, a maloca querida que continua sendo lembrada nas palavras do personagem narrador.

### **A composição *Abrigo de Vagabundos***

Nessa composição, Adoniran Barbosa retoma o tema da moradia e os personagens de *Saudosa Maloca*: Joca e Mato Grosso. Trata de uma “volta por cima”, através do trabalho, encarado positivamente em oposição à vagabundagem. Mostra como o personagem/narrador consegue reverter a situação de um morador de rua, através do trabalho “*numa cerâmica, fabricando pote*”. Foi “*trabalhando o ano inteiro*” que ele conseguiu dinheiro para comprar um “*lindo lote*” e ali construir sua nova maloca. O narrador compara a saudosa maloca com sua nova moradia. Enquanto aquela não tinha planta, não estava autorizada, essa, graças a um expediente, lícito ou ilícito, de um fiscal da Prefeitura *está legalizada, ninguém pode demoli*. Ele exprime sua gratidão ao fiscal e valoriza a amizade. Preocupa-se com seus amigos. *Por onde andaré Joca e Mato Grosso?* E por solidariedade oferece a maloca *a todos que não têm onde dormir*, porque conhece esse tipo de sofrimento tão comum até hoje, nas grandes cidades como São Paulo.

Há, no texto, uma ênfase na positividade do trabalho, como único meio para se conseguir a casa, o *abrigo* decente. Clara negação da vadiagem ao referir-se aos dois amigos que não quiseram acompanhá-lo. “*Andarão jogados na Avenida São João, ou vendo o sol quadrado, na detenção.*”

Trata-se de uma visão piegas em relação ao assunto abordado? Percebe-se, nas entrelinhas, uma falsa representação?

Não. Nem uma coisa nem outra. Adoniran Barbosa é porta-voz de pessoas humildes que vivem do trabalho honesto. A música retrata a mesma situação de muitos moradores de regiões periféricas das grandes cidades: muito trabalho, o dinheiro “suado”; a compra de um terreno e o orgulho de construir a casa própria, ano após ano, tijolo por tijolo, colocados pelos próprios proprietários com a ajuda de familiares e amigos. Cada dinheiro ganho, um pouco de material comprado... Os pilares vão sendo levantados, as paredes erguidas, as lajes assentadas, os cômodos se formando. Anos se passam até se formar uma escada, colocar uma janela ou uma porta. Às vezes um quarto necessário para acolher um filho que se casa e, então, pilares enormes são erguidos para a sustentação de outro andar e de outra família em formação.

### **Entrevista de Adoniran Barbosa (fragmentos)**

Programa Ensaio, TV Cultura, São Paulo. 1972.

Entrevistador: Fernando Faro

*Em Valinhos eu não trabalhei. Nasci lá, depois vim pra Jundiaí. De Jundiaí fui para o Grupo Escolar Coronel Siqueira Moraes. Dali do Grupo fui trabalhar no hotel, entregar marmita. Entregava marmita, e no caminho eu tinha fome, sabe, e abria a marmita e contava os bolinhos. Se a família tinha duas pessoas e tinha seis bolinhos, eu afanava dois no caminho, comia dois. Se a família tinha quatro pessoas e ia oito pasteizinhos ou ia dez, eu comia dois no caminho. Era malandrinho já. Não era malandro, era*

*espertinho. Tinha fome. Não era malandro, era fome, não era malandragem. Sabe o que é malandragem? Malandragem não, é fome. (...)*

*Em Valinhos trabalhei em metalúrgica; trabalhei de fazer tecido. Era tecelão, tecelão não, era fiação. Trabalhava das quatro da tarde às onze da noite. (...)*

*Pintor de parede em Santo André (...) Fui encanador de água e esgoto. Depois fui mascate, vendia retalhos na rua, retalhos de tecidos, vendia meia. Tanta coisa que eu fui e só deu pra fazer samba. Fazia samba no caminho, andando. Eu já queria fazer samba.*

### **Exemplificando a análise de entrevista**

Na entrevista que Adoniran Barbosa concedeu a Fernando Faro, o que nos chama atenção, de início, é o fato de não se ouvir a voz do entrevistador. Essa técnica não é uma atividade mecânica. Entre outros aspectos, realça a importância do entrevistado, como a nos dizer que sua fala é primordial, o que difere totalmente de programas similares em que o entrevistador, na figura do apresentador, é o destaque. O tom é de conversa, deixando o entrevistado à vontade, em um encontro de pessoas. Há aceitação e respeito pelo outro: pelo seu modo de ser, sua visão de mundo e sua linguagem, que não segue a norma padrão.

O fato de a imagem de Fernando Faro estar oculta é consoante à nossa concepção segundo a qual, no diálogo entrevistado-entrevistador, o saber do entrevistado é por nós considerado de grande importância para o estudo que se pretende. Naquele momento, presentifica-se (conforme nos ensina Bakhtin) o diálogo com saberes que nos constituem como seres históricos. Entrevistador e Entrevistado, como todos nós, são portadores de experiências de vida e de aprendizados recentes, antigos e ancestrais. Assim, o entrevistador, preparado para a entrevista, será um atencioso ouvinte daquilo que o entrevistado tem a dizer.

Em seguida, vamos nos deter em algumas informações que Adoniran nos dá a respeito da vida na Cidade de São Paulo e dos locais em que viveu. O trabalho infantil; a insuficiente alimentação de parte de seus habitantes; os expedientes para se libertar do peso das dificuldades que se enfrentava no dia-a-dia; o pouco caso dado ao artista do povo.

Essas informações de uma São Paulo, cidade economicamente bem situada no cenário brasileiro já nos anos 1940/50, quando comparadas com as que temos hoje, infelizmente nos alertam para situações que permanecem: o trabalho infantil ainda ocorre em olarias, lixões, serviços domésticos, vendas em vias públicas e tantos outros; as lutas dos mais pobres continuam duras e os artistas cada vez mais submetidos a julgamentos oriundos de grandes interesses econômicos.

Como fonte histórica, considerando-se a História Oral, é importante ressaltar as marcas das temporalidades. Refere-se ao momento presente da entrevista, 1972, contando que o bairro *Cidade Ademar não tem luz, não tem água e poço, se quiser, é fossa, se quiser*. Diz da falta de segurança: *eu tenho que ir pra casa cedinho por causa dos assaltante. Já roubaram nosso violão, nosso pandeiro*. Essa é a situação comum dos bairros pobres da cidade que convivem, ainda hoje, 2008, com esse passado de abandono. Enquanto fala do presente vai misturando seu passado: alteração da data de nascimento no *batistério*, para começar a trabalhar numa fiação aos dez anos, porque a permitida legalmente era 12 anos de idade, o que só acontecia no papel, como fica claro nas palavras de Adoniran.

Prossegue lembrando os diferentes ofícios que teve: abriu valas para esgoto, foi mascate, trabalhou em metalúrgica e conclui que não conseguia se adaptar a eles e que *só deu mesmo para fazer samba*.

As representações sociais que atravessam a linguagem do entrevistado

De que modo a visão de mundo de Adoniran nos possibilita conhecer as representações de grupos constituintes da sociedade, em sua época? Qual o significado desse estudo?

Ao nos ocuparmos das representações de mundo que perpassam a linguagem de Adoniran, podemos compreender melhor as expectativas, o pensar e o agir da camada social a que ele pertencia e, desse modo, aprofundar o conhecimento sobre a relação entre cidade e vida da população. O estudo das representações sociais é fundamental porque elas constituem o pensamento, a imaginação, os sentimentos dos seres humanos. Porém, há que se considerar que muitas delas se originam de manipulações da vida real. São criadas por mecanismos de dominação e veiculadas através de boatos, crendices, medos, palavras e imagens falsas. Essas falsas representações têm grande eficácia porque, tidas como verdadeiras, influenciam negativamente na atuação das pessoas que nelas crêem. Impedem que a realidade seja enxergada em profundidade, provocando ações, por vezes, irreparavelmente equivocadas.

O estudo das representações é um auxiliar no desejo de se distinguir o que pode facilitar e o que pode dificultar o processo de transformação social no sentido de uma vida justa para todos.

Podemos citar algumas das falas de Adoniran como expressões de seus valores, sua visão de vida, suas representações. Por exemplo, as que se referem ao trabalho como um valor social. O vocábulo *trabalho* se repete. No começo da entrevista fala de sua vida de trabalhador desde criança e insiste em demonstrar que os ofícios foram todos difíceis, mas que ele foi capaz de executá-los e lhe possibilitaram diferentes conhecimentos, importantes em sua vida. Ao trabalho associa-se a idéia de dignidade.

Essa associação era uma representação forte de grupos sociais, em São Paulo, na primeira metade do Século XX. Nesse período, a força do getulismo e sua máxima “*só o trabalho dignifica o homem brasileiro*” reforçavam a ideologia do capitalismo e a necessidade de braços para o crescimento da cidade e de controle dos que ficavam à margem do trabalho assalariado, considerado como “produtivo”. Estes são os *malandros*, *malandrinhos* que sobrevivem com trabalhos ocasionais, subemprego ou expedientes pouco ou nada recomendáveis. O protesto contra tal situação e a oposição à ideologia capitalista assumem formas tanto em músicas populares como em personagens do tipo Macunaíma, de Mário de Andrade. A representação desse antagonismo *trabalho-ócio* atravessa a fala de Adoniran e sua composição *Abrigo de Vagabundos*, em que o personagem narrador se reabilita e constrói sua moradia porque é trabalhador. Comparando-se as duas composições, pode-se supor que, em *Saudosa Maloca*, o narrador e seus amigos não exercessem um trabalho formal o que não os impediu de trabalhar para construir a moradia. Como grande parte da população trabalhadora ainda não tem direito à sua própria casa, fica evidente a distância entre a representação de que o *trabalho possibilita a moradia* e a realidade vivida. Essa é, portanto, uma falsa representação.

Adoniran, ao pronunciar com ênfase o nome inteiro do Grupo Escolar onde estudou, revela a importância que atribui à educação escolar. Para essa população sofrida,



descendentes de imigrantes, às vezes até impedidos de se alfabetizar, ter passado por um grupo escolar dá dignidade à pessoa, uma dignidade que, como aquela possibilitada pelo trabalho, ele faz questão de frisar. O binômio estudo-trabalho constitui uma das representações mais presentes na fala de pessoas que tiveram vida semelhante a do Adoniran.

“*Só deu para fazer samba*” é uma expressão que, de certa forma, repete uma representação que não é propriamente sua; um valor social, uma representação imposta e falsa, segundo a qual *fazer samba* é um fazer menor. Esse desprestígio, essa representação social em relação à música popular, é entremeada, na fala de Adoniran, com a certeza de que suas composições musicais têm valor. Na seqüência da entrevista ele contará sobre o sucesso de seus sambas, mas contará também o desprezo demonstrado por aquele que o julgou em um programa de calouros.

Essas ambigüidades são oriundas de valores impostos que conflitam com aqueles nascidos do vivido. E o estudo desses conflitos, originados de representações falsas, em confronto com o que se vive, é muito importante para a compreensão dos rumos muitas vezes tomados por grupos ou pessoas que se aniquilam, em vez de se reconhecerem como capazes de mudar a vida, e como esses desvios desastrosos poderiam ser evitados.

### **Autoconstrução de moradia: palavra de entrevistados no Estudo do Meio**

A paisagem da cidade de São Paulo e de seu entorno, principalmente a partir dos anos 50 do século XX, vem passando por grandes transformações. São conseqüências características das grandes metrópoles em que Estado, Empresas Imobiliárias e Valor do Solo Urbano constituem uma tríade fundamental para a configuração da cidade e a segregação de parte da população.

*O Estado cria o suporte de infra-estrutura necessário à expansão industrial, financiando a curto ou longo prazo, as empresas e agindo diretamente como investidor econômico. Agências governamentais empregam recursos no financiamento de habitações destinadas a camadas que podem pagar o preço de mercado da construção habitacional e aquelas que se colocam dentro da demanda “de interesse social” não conseguem amortizar as prestações previstas. Nesse caso as habitações acabam sendo transferidas para grupos de renda mais elevada.*<sup>2</sup>

A análise de entrevistas realizadas no Município de Guarulhos, bairros Jardim City e Lavras, no trabalho de campo do Estudo do Meio, realizado no segundo semestre de 2008, confirma hipóteses sobre dificuldades de moradia, decorrentes dessa configuração e suscita novos questionamentos. O trabalho de campo atualizou a importância que hoje assume a relação entre moradia, violência e problemas ambientais o que se pode verificar pela palavra dos entrevistados.

Nesse sentido, a autoconstrução de moradias revela importantes dados. Além da ocupação das áreas de mananciais ou de risco há outros problemas. O crescimento da cidade, obrigando grande parte de sua população a se deslocar para regiões distantes do centro, tem causado o aumento de interferências danosas ao meio ambiente, devido a essas precárias construções, seguidas posteriormente, de avenidas em fundos de vale e

<sup>2</sup> - KOWARICK, Lúcio. *A Espoliação Urbana*. SP. Paz e Terra. 1979. P.51.

alterações do terreno, em função de instalação dos diversos equipamentos exigidos por novos e caros edifícios.

Em Guarulhos, dois momentos são marcantes nesse processo: nos anos 50, a abertura da Rodovia Presidente Dutra, ligação entre São Paulo e Rio de Janeiro e na década de 90 a construção do aeroporto internacional André Franco Montoro. Esses empreendimentos atraíram contingentes de trabalhadores que procuraram lugar para morar. Muitos deles adquiriram lotes financiados, em loteamentos abertos por construtoras como a Continental, em áreas pouco valorizadas comercialmente. Ao expandir-se a cidade para áreas afastadas, sem que sejam implantados serviços de infra-estrutura e condições socialmente saudáveis para habitação, diversos tipos de violência acabam por acontecer contra seres humanos, flora e fauna, além de impedir o direito de morar dignamente a inúmeras pessoas. Essas tentam, por longos anos, no processo de autoconstrução, conquistar esse direito, mas o resultado é, salvo exceções, decepcionante.

Cláudio-A, de 28 anos, controlador de acesso em uma escola pública, conta como a família se estabeleceu no bairro. O Jardim City era um lugar abandonado na cidade. Quando a empresa Continental loteou esse espaço, ofereceu terrenos a preços bastante baixos e possibilidade de pagamento parcelado o que atraiu pessoas vindas de outras cidades ou mesmo que moravam de aluguel, em Guarulhos. Nada mais era garantido. Não havia nenhuma infra-estrutura. Os compradores não poderiam se servir, em curto ou médio prazo, de transporte, escola e outros serviços imprescindíveis. As famílias iniciaram a construção de suas casas. Na impossibilidade de contar com especialistas que desenhassem as plantas, nem com pedreiros, encanadores ou eletricitistas, elas próprias se incumbiram do trabalho.

*Meu pai tinha o desenho na mente com a parte elétrica, encanamento e tudo.  
40 pessoas fizeram a casa, aprendendo a fazer a casa de parentes.*

A autoconstrução é um processo perverso. Vai acontecendo durante anos, em fins de semana, dias ou horas de folga dos moradores que, de início levantam as paredes de um cômodo e um banheiro.

*Esse é um sobre-trabalho, não pago pelas empresas, o que serve para reproduzir a força de trabalho a baixos custos para o capital. Nesse processo, há a redução de outros itens vitais como a diminuição do padrão alimentar que para muitas famílias passa a se situar abaixo dos níveis mínimos de sobrevivência<sup>3</sup>.*

Além de a compra de materiais para a construção favorecer o comércio que em muitos casos se estabelece no local, revendendo mais caro que as empresas em que se abastecem.

O processo de mutirão revela os saberes dos futuros moradores. Mesmo sem formação profissional, demonstram que são capazes de realizar difíceis tarefas na construção. É o que nos diz Cláudio

*Meu pai planejou e fez e a casa está lá, nunca caiu.*

---

<sup>3</sup> - BONDUKI, Nabil / ROLNICK. *PRODEUR*, 2. FAU-USP. 1979.

Esse é também uma mostra de solidariedade entre os membros da família e mesmo entre gente da vizinhança. É o meio que encontram para superar tanta dificuldade e que ajuda a enfrentar os primeiros tempos de isolamento, naquelas distâncias de tudo.

Os primeiros moradores desse tipo de loteamento são importantes para as empresas imobiliárias e para o investimento do Estado, pois é previsto que os espaços vazios entre os centros e esses locais sejam posteriormente ocupados por residências, comércio, indústrias e serviços, acrescentando valor aos terrenos e, conseqüentemente aos impostos. Quando os equipamentos urbanos se ampliam e chegam até onde estão esses antigos moradores, eles se sentem apartados do que é feito ali. São ignorados pelos novos moradores ou pelos que utilizam os melhoramentos, como se a cidade não dependesse do trabalho deles. A representação oriunda das relações entre os mais abastados e os menos é que estes são um estorvo ao progresso que chega. Suas casas atrapalham “beleza” das residências mais aparelhadas e de melhor aparência. O medo do *outro*, daquele que não é seu igual, seu espelho faz com que sejam olhados com desconfiança ou indiferença; olhar que os *coisifica*. Desse modo, torna-se ativa outra forte representação, a de que eles não têm direito àquele lugar. Cláudio refere-se a essa situação dizendo-se invisível, na escola, em que trabalha.

*A gente é um cone. Não olham na cara, não dão bom dia nem boa tarde.*

*Passam todo dia e nem olham, como se dissessem: eu sou professor, você é um nada.*

E que, estagiário, como aluno de Letras, na classe desses mesmos professores, em outra escola é tratado de modo diferente, como se fosse outra pessoa.

Tal situação se completa, no bairro, com a alta taxa de impostos ou com a impossibilidade que esses moradores têm de pagar as dívidas acumuladas durante a interminável construção.

Os antigos moradores, por processos diversos, acabam tendo que sair do seu lugar, da casa que construíram superando empecilhos e vivendo a relação entre o fazer e a obra construída; deixar a vizinhança, abandonar os laços de amizade daquele espaço no qual organizaram a vida, expulsos que são pelo crescimento da cidade. Nem sabem bem onde vão parar, nem como transportar seus pertences, muito menos como recomeçar uma trajetória, já fisicamente fragilizados e com mais dependentes familiares.

A família do Sr. Cláudio-B é outro exemplo de como, para o capital, a autoconstrução beneficia a especulação imobiliária, favorece os investimentos do Estado e só agudiza o problema da moradia para o setor da sociedade mais desfavorecido economicamente.

O Sr. Cláudio-B é motorista de cargas e transporta, através do Brasil, bicicletas de indústria de Guarulhos. Começou a trabalhar com 14 anos e com 24 anos casou e foi morar no Jardim Continental II. Comprou o terreno, financiado em 20 anos. Começou, em mutirão, a construção da casa que inicialmente tinha dois cômodos e um banheiro e que até hoje não está pronta. Com ajuda da mulher que ele considera uma lutadora, está criando os dois filhos, um de 18 anos e outro de 15. Estes não conseguem continuar os estudos porque não existem escolas de Ensino Médio no bairro. Trabalham sem carteira assinada e não desfrutam de nenhum lazer onde moram. A vida não melhorou para a família. Sr. Cláudio-B diz

*Trabalho direto. Não tenho contato com os vizinhos. No tempo de moço tinha os aniversários, os bailes. Antes eu levava a família no caminhão. Viajava com a família. Eram pequenos. Tenho vontade de mudar pra Sorocaba; aproveitar um pouco a vida. O que ela (esposa) sofreu pra criar os filhos...*

E sua esposa conta:

*“Compramos este terreno há 20 anos atrás e ainda a gente está pagando... Agente começou a erguer a casa com muito sacrifício, com pouco dinheiro. Eu tirava terra para nivelar o terreno, ajudava em serviço de pedreiro... Aos poucos, fomos construindo a casa, com a ajuda de meu pai, de alguns amigos... Faz uns quinze anos que está sendo feita, conforme sobra um dinheirinho. Meu sonho é ver a minha casa pronta.”*

A casa do casal cresceu, cômodo por cômodo, enquanto cresciam seus dois filhos. A criação dos filhos e a construção da casa foram seus dois objetivos mais importantes, um sonho de toda vida; o orgulho transparece na fala, nos gestos, nas expressões do rosto, quando mostram a pequena sala, os dois quartos, o banheiro, a cozinha, tudo sem pintura, apenas com o reboco, feito recentemente. Lembram o personagem/narrador da música de Adoniran Barbosa quando se expressa: *“minha maloca, a mais linda que eu já vi...”*.

É claro que o casal falou também da dificuldade para pagar o terreno, financiado em 20 anos, dos altos impostos, da falta de água, da violência no bairro... Mas, acima de tudo, há o reconhecimento da própria capacidade de trabalho e da perseverança para a realização do projeto de vida.

Com muita luta, muito sofrimento, o casal se constrói como indivíduos, como família, como cidadãos, enquanto constrói sua casa:

*“Aqui era só sujeira... Jogavam até lixo hospitalar no terreno ao lado. Meu filho mais velho, quando era pequeno, até pegou doença... Quase morreu. Nós lutamos muito para fazer a prefeitura limpar tudo e (até ajudamos limpar); construir esgoto, asfaltar as ruas...”*

A família que participa desse longo processo de construção, que se estende ano após ano, sente-se, cada vez mais, pertencente àquele lugar; julga-se merecedora e com plenos direitos às benfeitorias públicas, responsabilizando-se, um pouco mais, pelo entorno de sua casa, pelas ruas, bairro, cidade...

Porém, ao final, a esposa termina dizendo:

*É muita luta, muito imposto atrasado. Se não der pra vencer, vou vender tudo e vou embora daqui.*

Ocorre que nesse processo de autoconstrução, por ser utilizado material mais barato, de menor qualidade, os moradores acabam tendo que sempre refazer o que já foi feito e se deteriorou pelo uso. Isso encarece o processo, ocasiona novas dívidas às vezes sem possibilidade de saldá-las. Talvez seja esse o caso da família do Sr. Cláudio-B. Provavelmente eles não permanecerão ali por mais tempo. Porém, quando forem vender a casa, terão a certeza de que um imóvel construído nessas condições não atingirá o preço

necessário para pagar o que devem. Endividados terão que abandonar o bairro que ajudaram a construir e a valorizar para outros desfrutarem.

Outras entrevistas possibilitam verificar como pessoas que já possuíram bens tiveram suas vidas economicamente degradadas e não têm condições nem mesmo de adquirir um terreno nessas áreas despovoadas. Precisaram se contentar com o fato de morar no local de trabalho, num subemprego. É o caso de entrevistados no lado rural do bairro de Lavras. São moradores, empregados em uma grande horta que fornece hortaliças para o CEAGESP, um centro de abastecimento para o Estado de São Paulo.

As casas, nessa horta, são “doadas pelo patrão”, mal construídas e mal cuidadas. Em frente a essas casas, cinzentas e de madeira, há muito lixo, esgoto a céu aberto e urubus se alimentando de toda sujeira e embalagens de agrotóxico que eles respiram; feia e triste paisagem que contrasta com os canteiros de verduras, coloridos e bem cuidados pelos moradores. Esses moradores não se sentem pertencentes ao lugar; estão ali de passagem e, talvez por isso, não queiram transformá-lo em um espaço mais digno e acolhedor.

Rafael, um menino de doze anos, que mora ali com seus pais e uma irmã disse:

*“Não vamos morar aqui por muito tempo... É até meu pai arranjar um emprego melhor. Minha mãe quer voltar pro Norte ou morar em São Paulo.”*

Entre eles, está o casal Maria (35 anos) e José (28 anos).

Enquanto Maria que concluiu o Ensino Fundamental, analisa, numa linguagem clara e com jeito decidido sua situação de ex-empregada, registrada em firmas comerciais, José, mais tímido, parece resignado ao trabalho pesado que exerce.

A casa em que moram, ali mesmo na chácara, é um barraco. A precariedade é evidente pelos fios de eletricidade desprotegidos que chegam por cima da terra. A única razão de estarem ali é o desemprego a que se viram submetidos.

Maria cresceu no sítio da família, no Paraná. Em Guarulhos pensou melhorar de vida. José, desde os doze anos, trabalha em lavoura. A família veio do Nordeste. Tem experiência e gosta do que faz; do contato com a terra e com as plantas, embora considere cansativo seu trabalho, durante onze horas por dia e seu salário semanal, minguado. Espera um dia sair dali é ter sua própria chácara.

Maria conseguiu condições menos árduas; não é empregada da chácara, trabalha por conta própria, em sistema de empreitada, mas suas mãos grossas e calejadas são sinais de sua labuta diária. Também gosta de lidar com a terra, no entanto, as representações entremeadas em suas palavras mostram clareza em relação à sua história. Não tem ilusões relacionadas à compra de bens materiais. Para Maria, viver é não estar só. Seus valores são: a boa vida conjugal e a saúde. Mudar de vida é difícil.

*“Lazer aqui é só trabalhar, até aliviar as dívidas. O pouco que se ganha tem que saber administrar, deixar de lado o supérfluo. Gostaria de poder cuidar mais da saúde, pra viver melhor. Já vivi muito tempo sozinha. Na vida a dois um ajuda o outro.”*

Trabalhar por conta própria pode permitir a Maria alguma possibilidade de negociação, mas tem desvantagens. Nem sempre há oferta de serviço para trabalhadores por conta própria o que os obriga, mesmo sendo capacitados, a se submeter a subempregos. Quando

a essa contingência se acrescenta a ausência de moradia, as complicações são redobradas, porque não possuem local seguro para guardar seus instrumentos de trabalho que custam caro. Além disso, nem sempre há ofertas suficientes de trabalho e a procura de emprego pode demorar bastante. Ocorre ainda que certos serviços como de jardinagem, por exemplo, exigem muitas vezes que o trabalhador forneça terra, adubo ou até mudas, transporte e destinação do que foi retirado na feitura do jardim<sup>4</sup>.

Essas são razões suficientemente fortes para que aceitem um subemprego, em condições injustas de trabalho e moradia desconfortável e insalubre, como acontece com Maria e José. Eles já não vêm como buscar condições dignas de moradia, nem como tentar a autoconstrução em terreno comprado ou ocupado. Nesse momento só a sobrevivência importa.

As palavras de Cláudio-A e do casal José e Maria são atravessadas por exemplos que elucidam bem as representações oriundas do vivido e as que dele são dissociadas.

A invisibilidade de Cláudio-A é consequência de uma falsa representação. Os valores dos professores daquela escola fazem-no enxergar assim como enxergam todos aqueles que os servem em tarefas menos prestigiadas socialmente, isto é, como objetos. Cláudio-A é, por eles, destituído de sua personalidade, considerado como outro anteparo qualquer que impeça a entrada de estranhos ao estabelecimento; como um portão, uma grade de ferro a quem ninguém precisa dar atenção e cumprimentar. Essa invisibilidade falsa contrasta com a representação que Cláudio-A tem de si mesmo e que vem da consciência do valor de sua vida; nasce das relações as mais verdadeiras, as que têm significado concreto para ele, como o saber de seus familiares, a solidariedade, a tenacidade e perseverança com que construíram a moradia.

As representações imbricadas no vivido são claras também na fala de Maria. Apesar de todo o apelo ao consumo que atinge todas as camadas sociais; aqueles que são melhor e os que são pior situados economicamente, Maria é infensa ao desvario consumista. Seus valores são a saúde, a vida conjugal, o afeto. Suas representações orientam seu cotidiano e seus sonhos, porém sem criar falsas ilusões. Não há mágica para pagar as dívidas. Para ela importante é

*Saber administrar o pouco que se ganha. Deixar de lado o supérfluo.  
Aliviar as dívidas e viver melhor.*

### **Para não interromper as reflexões**

A presente exposição de um dos percursos seguidos pelo curso de formação de professores, referido no início, procurou aprofundar-lhes os conhecimentos referentes:

- 1) Ao Estudo do Meio: método interdisciplinar de Ciências Humanas;
- 2) À importância da entrevista como fonte de pesquisa em Ciências Humanas;
- 3) Ao direito à cidade pela população, bem como sobre circunstâncias que impedem esse direito;
- 4) Aos aspectos sociais e ambientais da cidade e suas transformações;
- 5) Aos fatores econômicos e políticos, desencadeadores dessas transformações, exemplificando-os com a especulação imobiliária e ação do Estado;

---

<sup>4</sup> - KOWARIK – obra citada.

- 6) Aos problemas de moradia enfrentados pela população que habita as periferias das grandes cidades, exemplificando-os com o processo de autoconstrução;
- 7) Ao Município de Guarulhos, onde lecionam os professores matriculados no curso, a partir de teorias e entrevistas a moradores dos bairros escolhidos para o Estudo do Meio;
- 8) Às teorias e práticas destinadas à realização e análise de entrevistas, tendo como suporte representações sociais.

O método do Estudo do Meio e o papel da entrevista como fonte de pesquisa em Ciências Humanas despertaram grande interesse. Também o desejo de que não sejam interrompidas as indagações e buscas de respostas sobre a falta de moradia, tema escolhido para o Estudo do Meio. Nesse sentido, foi reafirmada a idéia de que os problemas relativos à moradia tendem a aumentar no compasso do crescimento da pobreza.

Se a pobreza aumenta, a parte mais desfavorecida economicamente seguirá sendo alijada a locais isolados, desprovidos de infra-estrutura, com habitações insalubres e sem poder desfrutar dos bens que a cidade ofereça. As características ambientais sofrerão impactos reveladores do modo como forem resolvidas as contradições criadas em consequência da má distribuição da riqueza e da responsabilidade com que será considerada a vida nas relações sócio-ambientais.

Nesse processo, a organização dos mais afetados pelas desigualdades econômicas aparece como fundamental. Se estiverem organizados, poderão tentar influir na correlação de forças políticas e econômicas que têm papel decisivo nas transformações ambientais e na planificação das cidades com seu entorno. Tentativa motivada pelo desejo de tornar possível o direito de viver e de habitar.

### **Bibliografia**

- AMORIM, M. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas Ciências Humanas*. .Musa. 2001
- BAKHATIN. *Estética da Criação Verbal*. Trad. P.Bezerra. SP. Martins Fontes. 2003.
- BONDUKI, N/ ROLNICK. *Prodeur*, 2. FAU-USP. 1979.
- LEFEBVRE, H. *La présence et l'absence*. Contribution à la théorie des représentations. France. Casterman. 1980.
- \_\_\_\_\_. *O direito à cidade*. SP. Moraes. 1991.
- KOWARICK, Lúcio. *A Espoliação Urbana*. SP. Paz e Terra. 1979. P.51.
- PONTUSCHKA, Nídia Nacib. Fundamentos para um projeto interdisciplinar : supletivo profissionalizante. Em *Geografia em Perspectiva*. PONTUSCHKA/OLIVEIRA. SP. Contexto. 2002.
- PONTUSCHKA, Nídia Nacib/CONTIN, M.A. O projeto e a Integração das Instituições Escolares. Em PONTUSCHKA/KRASILCHIK/RIBEIRO (orgs). *Construção de um processo participativo de Educação e Mudança*. SP. EDUSP. 2007.
- SANTOS, Regina C. Bega dos. *Migrações, condições de vida e apropriação do espaço*. SP. Dissertação de mestrado. Departamento de Geografia da

Faculdade de Filosofia Ciências e Letras – USP. 1983.